

Barclays quer ampliar relações

por Maria Cristina Carvalho
de Londres

A redução das tarifas de importação e a perspectiva de que a estabilização da economia levará as empresas a investir em equipamentos para ampliar a capacidade instalada foram interpretadas pelo britânico Barclays Bank plc como indicação de grande potencial de crescimento das operações de financiamento de comércio exterior.

Ao contrário de alguns bancos britânicos como o Midland e o National Westminster, que reduziram drasticamente suas posições no Brasil após a crise da dívida externa, na década de 80, o Barclays — assim como o Lloyds Bank, o mais antigo deles no País — manteve os interesses locais.

Há 21 anos possui em associação com o BCN o banco de investimentos BCN Barclays e até aumentou sua participação na instituição, de 33 para 50% com a conversão de dívida externa em investimento, em 1988.

Mas agora o Barclays está querendo ampliar ainda mais as relações com o Brasil. A possibilidade de transformar o banco de investimento em banco múltiplo, com maior área de atuação, está sendo avaliada, informou Robert P. Wingerath, gerente sênior de relações com bancos correspondentes da América Latina e do Caribe.

Mais concretamente do que isso, o Barclays terá até o final do mês um representante exclusivo para as diversas áreas do grupo no Brasil. É Nicholas Cross, que inclusive já está no País.

A principal tarefa do representante, segundo Wingerath, será o relacionamento comercial e financeiro com os bancos brasileiros. O Barclays possui um "exposure" de aproximadamente US\$ 250 milhões em linhas de financiamento do comércio exterior para o Brasil. "Esse negócio está ficando muito competitivo. Muitos bancos estão agressivamente oferecendo crédito comercial para a América Latina e os juros estão caindo", disse Wingerath.

O "spread" cobrado nas linhas de financiamento de comércio exterior ao Brasil era de 2 a 3 pontos acima da taxa interbancária de Londres (Libor) no início do ano; subiu para 3 a 4 pontos quando o resultado das eleições presidenciais estava indefinido e até chegou-se a falar que os recursos iam minguar. Nada disso aconteceu. Pelo contrário: o "spread" caiu para 1,5 a 2 pontos e se começa a falar

em apenas 1 ponto acima da Libor. "Os bancos já vinham antecipando o resultado das eleições e reduzindo o risco do País", analisou Wingerath.

Por causa da maior competitividade na área de financiamento de curto prazo para o comércio exterior, o Barclays está querendo desenvolver um segmento mais seletivo e rentável, o de operações estruturadas.

São operações estruturadas de comércio exterior as de médio prazo, que envolvem grandes valores e, normalmente, mais de dois participantes. Um exemplo foi o financiamento de 5,5 anos que o Barclays fez para compras da Marinha brasileira de equipamentos de defesa, no valor de US\$ 58 milhões, em julho passado. Somente essa operação foi equivalente a mais de um quinto do "exposure" do Barclays no Brasil em linhas de curto prazo.

A Marinha brasileira adquiriu motores para helicópteros da Rolls-Royce, peças para aeronaves da Westland e equipamentos eletrônicos da Racal Radar Defence Systems.

Gabriel Buck, gerente da área no Barclays, informou que o banco estuda outras operações do tipo para o Brasil, mas não quis revelar mais detalhes, alegando que são demoradas por causa da complexidade e por envolverem várias empresas. O negócio com a Marinha levou cerca de três anos para ser concretizado.

Ele informou que muitas empresas procuraram o Barclays atraídas pela operação realizada com a Marinha, e declarou-se confiante na expansão desse tipo de negócio. "O Brasil é a melhor aposta da América Latina. Com a estabilização da economia, o setor privado vai investir em novos equipamentos para se modernizar e aumentar a capacidade instalada, pois não faz isso há dez anos. Nós temos bons relacionamentos com as grandes fornecedoras de equipamentos do Reino Unido, Europa e Estados Unidos e podemos dar apoio financeiro a esses negócios", disse.

Buck lembrou que a agência do governo britânico de apoio às exportações da Grã-Bretanha, o Export Credit Guarantee Departament (ECGD), retomou as operações com o Brasil a partir de junho, depois de onze anos de portas fechadas.

O ECGD garante o risco comercial e político dos financiamentos de longo prazo às exportações britânicas. Mas, salientou, cobre até 85% do valor total da operação, e não atinge alguns tipos de negócio, como a venda de equipamentos de defesa.